12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O crime do regimento de Sapadores

Uma tarde destas um soldado indisciplinado e vingativo, disparou quatro tiros sobre o comandante, o capitão Mario Graça, que ficou gravemente ferido. Num movimento de abnegação varios soldados ofereceram o seu sangue para, com a transfusão, salvarem o seu superior.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — LISBOA 8 DE MARÇO DE 1925 — N.º 8

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA—EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

¡CARTA DE AMOR...

Meu amor.

Nesta quadra terrorista,
de tantas comoções assustadoras,
em que co'uma imperícia nunca vista,
agitam o phantasma bolchevista
As proprias multidões conservadoras,

surgem ás vezes,—para desquebrar
as fervuras... bombasticas *de Amancio*—
«coisinhas» que nos fazem recordar
o mesquinho e risivel matutar
que em tempos idos arruinou Bysancio...

Não sei se n'algum Index *fico incurso*
por não tomar a serio essas delicias!
Talvez eu seja um mysanthropo, um «urso»...
Mas,—por exemplo...—enerva-me o Concurso
das Terras do Diario de Noticias!

Pois tu já viste, amor, quanta heresia
n'algumas das "charadas„ é notoria?
E ás vezes, que satânica ironia!
E quantas falhas na Chorographia
que pedem mesmo luz... de palmatoria!

Vê:—Camara de Lobos. *É preciso*
dispender quatro kilos de talento,
ou trezentas arrobas de juizo
p'ra saber que esse terreo paraizo
fica alli para os lados de S. Bento?

Pois e Braço de Prata?! *Então a gente*
não deve sempre corrigir quem erra?!
Prata! Ai Jesus!... Foi tempo que actualmente,
d'essa ex-villa formosa e sorridente
resta... um braço de mar... para Inglaterra.

E emfim, é já sabido em Portugal
que a Alfandega da Fe, *não por engano*
e sim por um decreto episcopal,
vae ser, como é preciso e natural,
mudada para o Gremio Luzitano...

. . . .

Por aqui, fico, amor; que para exemplo
creio já ter fallado muito bem.
Calma-me o teu retrato que contemplo...
Ainda bem que o Ideal, quando ergue um Templo,
o vae construir na Terra... de Ninguem!

TAÇO

écos

REINALDO Ferreira, brilhantissimo temperamento do jornalista moderno, um dos poucos homens de jornal que entre nós pode usar bem o titulo de «internacional», colabora hoje nas nossas paginas, assinando uma novela muito curiosa.

Não precisa adjectivos a obra sempre vibrante e moça de Reinaldo Ferreira. Felicitamos os nossos leitores pela bôa companhia deste jornalista no «Domingo Ilustrado».

PREOCUPAÇÕES

A PORTEIRA:—Sr. dr.—então a doentinha do 1.º andar, como vae?
—Vou-lhe fazer a autopsia.
—Ah! então Deus queira que se não demore muito por causa de fechar a porta...

questão prévia

QUEM, como o cronista que assina esta deslavada secção, tem sobre os hombros a tarefa ingrata de notar e comentar o facto saliente da semana é que se dá rigorosamente conta de como esta Lisboa, que anda á roda dum milhão de habitantes, é uma cidade entorpecida de «mesmice», sobre a qual as semanas e os mêses passam, sucedendo diariamente as mesmas coisas.

As mesmas disputas e os mesmos boatos do mês passado entreteem a curiosidade e a bisbilhotice indigena no mês que decorre e se não fôra a variação barométrica, que nos permite dizer uns aos outros, alternadamente, que o tempo melhorou ou piorou, o cavaco dos cafés e em familia ficaria em breve reduzido a uma troca de monosilabos, entre bocejos, por absoluta falta de materia prima para a conversa.

* * *

Esgaravato entre o noticiario dos jornais e as minhas reminiscencias, á procura dum facto digno de figura nesta situação de questão prévia e, postas de banda coisas minimas e corriqueiras, como um lixo inutil, apenas encontro como assunto mais viavel, a novidade do Teatro Novo, que aliás já deu de si uma questão prévia—a questão suscitada entre Avelino de Almeida e Antonio Ferro, que na imprensa se teem vindo a jogar madrigais e alfinetadas.

Este incidente jornalistico-teatral interessa-me, especialmente, pelas portuguesissimas caracteristicas que o revestem.

Duma banda um plano vago, esboçado em palavras dispersas, e grandes pinceladas de côr, que não chegam a dar forma concreta á iniciativa, a que o proprio propulsionador chama «o seu sonho»; da outra parte: uma discussão miuda de miudos factos, com objecções minimas, um pormenorisar de pequenos obstaculos, que chegam até á preocupação da farpela com que os futuros espectadores do futurissimo Teatro Novo hão de assistir ás suas mais que futuras representações.

Estamos, pois, em presença de dois portuguesissimos homens de jornal e de teatro, cada um deles encarnando caracteristicas fundamentais da raça—ou racicos, como dizem e escrevem os Maneis Bernardes contemporaneos. Antonio Ferro, trazendo ao colo o seu sonho, interpreta, nas circunstancias, aquele lirismo fantasista de que entre nós enfermam os proprios ministros das Finanças e Avelino de Almeida, atirando penadas ao sonho ainda infante, cede áquele pessimismo profetico. que é tão antigo como a nacionalidade.

Camões, que apesar da guerra lhe ter reduzido a vista era um rapaz que via as coisas ao longe e ao largo, fixou lapidarmente nos «Lusiadas» estas duas facetas indeleveis do caracter português, pondo nos areais do Restelo, á partida do Gama para o grande sonho da India, um velho orador de comicio a predizer fiascos e catastrofes.

Nesta conjunctura do Teatro Novo, Antonio Ferro é o Vasco da Gama, sem barbas, que embarca na nau Tivoli, sobre a proteção de S. Lino e S. Ricardo Jorge, levando nas velas bambas (a vermelho, que é a côr revolucionaria) a cruz da Legião de Honra de Antoine. E emquanto ele voga ainda no batel, a caminho da armada, na praia da imprensa Avelino de Almeida, vestido de velho do Restelo, bota fala á turba, clamando que nesse batel é que ele, Avelino, não vai e que não acredita num teatro de Ferro, porque de madeira é o do Rato e não se sabe quando estará pronto e de cimento armado é o Ginasio e tambem ainda está para pêras.

E para que tudo seja bem português, neste caso do Teatro Novo, até se dá a circunstancia de ambos os contendores terem razão, porque um afirma que é preciso acalentar os grandes sonhos e propôr as grandes iniciativas, o que é razoavel e outro conclue que o que é necessario é ter juizo, o que não deixa tambem de ser absolutamente razoavel. E ainda nisto se completa o simil da India, que a proposito invoquei, porque certamente o Gama, quando preparava a sua empreza e até no momento de largar as velas, não deixava de repetir a si proprio, incutindo-se confiança: «Sou moço!»—expressão querida de Antonio Ferro, especie de sêlo de garantia de todas as suas as afirmações, mas a esta segurança na propria mocidade, o outro na praia, não deixava tambem de repetir a sua convicção: «Sou um velho e calejado!»

Descobriu-se o caminho da India e o Gama triunfou, mas nem por isso o velho do Restelo deixou de ter razão, porque a verdade é que nem o navegador nem o profeta lucraram nada com isso.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

A psicologia popular, do grande publico, facilmente acredita que um alto espirito, uma figura marcante, desaparecendo do palco dos vivos, possa causar profundo abalo na ordem das coisas, mas dificilmente acreditará que o mesmo possa suceder com uma figura apagada, de curta inteligencia, que as circumstancias tenham guindado a um alto posto...

Esses talvez se admirarão quando se lhes disser que a morte do presidente Ebert, espirito muito de segunda ordem, possa representar um facto de alta importancia na Alemanha.

E, todavia, essa apagada figura, pelo simples facto de existir, sem causar grandes irritações em ninguem, mantinha em espectativa—produtora de socego—fortes paixões politicas.

Essas paixões agora teem de saír da espectativa serena...

* * *

E vem agora a proposito chamar as atenções para o facto de, precisamente quando morria esse presidente da democracia germanica, surgir mais uma vez, e crescer de vulto, a campanha feita na Alemanha e na Austria a favor duma união entre ambas — começando numa união alfandegaria—o que crearia uma Europa Central teutonica, muito ameaçadora para as nações que saíram vitoriosas da grande guerra.

* * *

A esse proposito dizia o *Taeglische Rundschau* de Berlim:

«Poderão ficar certos de que realisaremos a reunião dos dois paizes de tal maneira que não se lhe poderão aplicar os paragrafos dos tratados da vergonha.»

Os quaes «tratados de vergonha»—escusado será dizê-lo—são os que estabeleceram a vicoria dos antigos aliados.

* * *

E...

No domingo, 22 de fevereiro. em Magdeburg, na vasta praça da Catedral, em *colossal* manifestação, cem mil aderentes da organisação *A Bandeira do Imperio—Reichsbanner*—negra, vermelha e oiro, aclamaram ruidosamente a união da Austria á Alemanha, ao mesmo tempo que expandiam o seu lealismo republicano.

Porque o que torna mais significativa essa manifestação é que essa organisação politica não pertence ás direitas reacionarias e monarquicas, mas é puramente democratica.

E assim mais uma vez se mostra que *democracia* e *imperialismo* se casam muito bem em terras germanicas.

* * *

E para saber que não é só o velho mundo civilisado que se agita, regista-se que na jovem e pequenina republica do Panama a revolta dos indios brancos do sul ameaça estender-se a 30.000 homens, o que provocará uma grande luta.

... No fundo das almas, os homens—civilisados ou indios—teem mais pontos de similhança entre si do que poderia parecer.

A. ROCHA PEIXOTO

comentarios

A gravura da ultima pagina de hoje comenta um dos factos mais inacreditaveis do nosso desleixo administrativo, da perversão dos nossos sentimentos sociaes e do atrazo da nossa sciencia.

Em todos os paizes, mutilados que não fôram heroes—quanto mais os heroes!—teem um instituto onde lhes são feitos os membros artificiaes e onde são orientados em novas profissões compativeis com as capacidades para o trabalho.

Entre nós ha o Instituto de Arroios, para isso creado, provido do material mais completo que se fabrica lá fóra, e que está a enferrujar-se, a inutilisar-se, porque o carro de bois do parlamento não faz seguir um projecto que o entrega aos hospitaes civis, projecto a que ninguem se opõe, com que todos concordam, mas que dorme entre muitos.

HA literatos que escrevem unicamente para as mulheres. Acusam disso o sr. dr. Julio Dantas. Ao contrario uma conhecida escritora reclama os seus livros, incitando os pagãos a que os leiam, para desconto dos seus peccados.

Está no seu papel e na sua orientação exibicionista. Já disse um critico francez: «a literatura feminina é uma maneira das mulheres amarem em publico!»

ABRIMOS uma primeira sucursal na rua do Ouro. É na casa «Paleta d'Ouro», junto ao Banco Lisboa e Açores, onde podem ser feitas assinaturas do nosso jornal, se tomam anuncios e se dão todos os esclarecimentos necessarios ás relações comerciais desta empreza.

TEMOS o prazer de comunicar aos nossos leitores que do proximo numero em diante nos dará a sua preciosa colaboração o ilustre homem de letras e consagrado auctor dramatico João Bastos que por conta virá dar ao «Domingo Ilustrado» uma parcela do seu cintilante talento de humorista em tantos trabalhos já consagrado.

AMABILIDADE

—Parece impossivel Maria—Estamos á sua espera desde ás 2 horas para almoçar...
—A sr.ª é muito amavel—podia ter almoçar sem mim...

CONCERTOS BLANCH

Realisa-se hoje mais um concerto da orquestra Blanch com a colaboração do pianista Vianna da Motta. Este executa o «Concerto em sol menor» de Mendelssohn e a «Symphonie sur un chant montagnard» de d'Indy.

A orquestra inclue no programma duas composições portuguezas de L. de Freitas Franco e de M. Ribeiro.

CAÇADORES

— Realmente não lhe acertei, mas em todo o caso vê lá como elas se safaram com medo . . .

O homem que vendia saude

SIMÕES Valente era o homem com melhor saude que Deus tem despachado para este mundo de ingratidões. Em menino nunca a familia lhe notou as dores com o nascimento dos dentes e mais tarde, nem mesmo o classico sarampo, êsse «puding de flan» da puberdade, o visitára com aquela assiduidade tão costumada.

Nunca tinha sentido uma dôr de cabeça, uma dôr de dentes ou uma dôr de cotovelo. Tinha uma saude de ferro forjado e, quer chovesse ou fizesse sol, quer molhasse os pés ou apanhasse uma corrente de ar, jámais conhecera o deleitoso efeito aquatico duma constipação ou a picante delicia duma bronchite.

E não fazia nada, o Simões! Tomava banho, rapava a barba, almoçava de garfo e faca, merendava. jantava, ceiava e dormia!

Nos dias impares do mez apanhava uma carraspana de vinho tinto e nos dias pares outra de vinho branco. Bebia aguardente, licôres, cerveja, vermuth e todo o vasto arsenal de bebidas de guerra, sem que o estomago fizesse má cara ou lhe tomasse a menor censura.

Comia de tudo, môlhos picantes e azedos, carnes frias e de conserva, toda a familia dos mariscos, emfim, todas essas coisas que se inventam com nomes estrangeiros para o freguez não perceber que se trata de um bife vulgar de Lineu, e o seu sono era de uma peça só, as suas digestões ordeiras e pacificas como os programas dos governos, a sua saude, um perfeito exemplar de saude em primeira mão, acabada de fazer e com todo o conforto moderno.

E o Simões Valente vivia satisfeito, impando

de alegria e boa disposição, atafulhando o estomago com tudo o que lhe aparecia, sem que os seus trinta e oito anos fossem jamais perturbados pela guinada de um calo ou ataque de qualquer febre mais ou menos tifoide,

Um dia (como em todas as histórias, esta do Simões Valente tambem mete seu dia que é geralmente onde começa a história) que o Simões engulia a vigessima nona banana da primeira secção do almoço, um amigo, um destes camaradas que nasceram para dar conselhos aos outros embora façam sempre o contrario do que aconselham, obtemperou-lhe:

— Oh Simões! Tu precisas de ter cuidado! Olha que isso é demais! Então depois de uma salada de almondegas com lagosta vaes comer bananas!?

— E estou aqui á espera que me cosam salchichas para acabar com este arroz de manteiga! E depois ainda vae um café com leite e pão com mostarda ingleza!

— Mas tu dás um estoiro!

— Qual! Sempre tenho comido o que muito bem entendo e nunca tive uma doença!

— Ora! Tu sabes que eu sou formado em medicina! pois como teu amigo e como medico te prohibo de seguires essa alimentação.

— Ora adeus!

— É o que te digo! E fazes favor de tomar já esta hostia de bicarbonato de sodio!

— Eu? Estás doido! Eu nunca tomei dessas trapalhadas que vocês inventam para justificar o doutoramento!

— Toma já te disse! Isto facilita a digestão! De contrario, com todas essas porcarias que comes, tens uma congestão que nem podes com ela! Vá! Toma a hostia!

— Mas ó menino eu . . .

— Toma já te disse!

— Bem! E d'hai, como isto é de comer, não me importo! Cá vae a hostia á tua saude!

Toda a noite o Simões passou ás voltas e reviravoltas, e já de madrugada, passsando aflicto no quarto, monologava:

— Mas que demonio de pezo que tenho no estomago! Teria eu comido ontem algum ferro de engomar?

E pela primeira vez na vida, soube Simões Valente o que era ter uma dôr de estomago.

O desgraçado pouco afeito áquela demonstração de apreço do orgão digestivo, bufava com dores a ponto de a creada aparecer com um chá de cascas de pepino, terapeutica que no seu entender, não só servia para toda especie de cólica, como tambem era remedio santo para as anginas, para os pulsos abertos e para a queda do cabelo.

Simões tomou o chá das cascas de pepino mas d'ahi a minutos as dores aumentavam desmedidamente. De um pulo Simões galga a escada e entra na farmacia mais proxima onde um Doutor depois de de lhe ver a lingua, as palpebras e o pulso, diagnostica:

— V. Ex.ª padece duma dilatação na órta, tem uma peritonite e precisa de fazer uma analise ao sangue. Mas tome este xarope, estas hostias, dê estas injecções e apareça cá daqui a trez dias para eu lhe fazer uma radiografia!

Simões tomou tudo quanto o doutor lhe deu, não tomou mesmo mais nada porque jejuou completamente e trez dias depois, entrou no consultorio amparado por dois moços.

O medico mal o viu soltou um ai de satisfação e disse:

— Ora muito bem! Se o senhor não faz um tratamento tão rapido a esta hora estava morto! Sim senhor! Estou satisfeito! O que lhe receitei foi de grande efeito! Parece outro!

Simões comcordou como poude em que realmente parecia outro e sujeitou-se a um amplo serviço de auscultação. Depois do exame o doutor esfregou o queixo assim com ar de ser muito entendido, e pontificou:

— Noto-lhe simtomas graves de pneumonia dupla e a lingua acusa um ataque violento de albumina! A analise do sangue deu negativo, mas isso não quer dizer nada!

— Nem ao menos quer dizer que deu negativo? — perguntou o Simões numa voz de quasi moribundo.

— Não! O senhor o que está é muito anemico, mas sobretudo o que mais lhe estraga os intestinos é uma biliosa!

— Biliosa?! Mas eu nunca fui á Africa!

— Nem é preciso! As febres biliosas apanham-se em geral por correspondencia! O senhor nunca recebeu correspondencia de Africa?

— Recebi ha dez anos um bilhete postal com a fotografia da Bahia dos Tigres!

— Ahi está! Ah! A sciencia é uma grande coisa! Mas não tenha medo! O meu amigo vae tomar o que lhe receito e daqui a trez dias aparece cá para lhe amputarmos a perna esquerda!

— A perna? E ó doutor! Como é que eu ando depois?

— Anda coxo!

— Mas isso vae fazer-me uma grande diferença!

— Qual! Passa a encostar-se a uma bengala! É tudo uma questão d'habito! Verá que de-

pois nem nunca mais se lembra que tem uma perna a menos!

Simões chamou dezoito carroças para lhe levarem os remedios para casa, meteu-se na cama e nunca mais se poude levantar.

Um dia a creada muito aflicta foi chamar o doutor porque o Simões estava com chagas em todo o corpo e tinha duas saliencias na testa que pareciam dois pés de comoda,

O doutor veiu, sahiu, e horas depois voltou acompanhado de seis velhotes que, envergando batas brancas. fizeram roda em volta do Simões. Um tomou a palavra:

— Caros colegas! É o mais lindo caso que tenho visto! Este homem apresenta a solução do grande problema do Congresso de Medicina de Stockolmo! Vejam: a jugular externa está perfeitamente metida na arteria hepatica ligando com um tumor na veia cubital! Reparem como a saphena infectou a infra-escapular e ligou o grande dorsal á espinha iliaca com infracção da arcada de fallope da veia cephalica e do tibial posterior!

— Um lindo caso!

— Um lindo caso!

E Simões, sentindo que a morte se vinha avisinhando, ia respirando a custo.

— Reparem! Que lindo caso! — continuou outro medico — A peronea identificada perfeitamente na base da mastoidea com a apophise caracoidea!

— Que lindo caso! E como a zigomatica entrou na cubital pela esplenica do ligamento rotuliano!

— Que lindo caso!

Simões ia a dicidir-se a ter tambem uma grande admiração por si proprio; mas não teve tempo porque a morte veiu busca-lo para o seu bendito seio . . .

Dias depois na Morgue, constatou-se que o infeliz gosava de perfeita saude, mas tinha morrido victima de uma entoxicação produzida por bicarbonato de sodio, iodo, brometo, benzonafetol, aspirina, creolina, neocalcina, fenacetina, orotropina, getalina, cocaina, benzina, crinolina, platina, gazolina. adalina, piscina, etelvina e todos os outros remedios que acabam em ina que os medicos inventam para curar os que teem saude.

Sports

O problema de democratisar os desportos

Democratizemos o desporto.

Belo principio este.

Pois apesar da minha concordancia e até do meu entusiasmo por esta idéa que tem o aspecto duma cruzada, temme acontecido passar por defensor de teorias antagonicas.

Esta divergencia entre o que penso e o que os outros entendem que digo, leva-me a um exame de consciencia.

Onde póde estar o mal entendido?

A vulgarisação do desporto nas camadas populares só lhes póde ser proveitosa, quando realisada com consciencia, e tendo em vista não só os beneficios como os maleficios.

Não se trata portanto de fazer praticar o desporto por todos, sem acompanhar a propaganda do resguardo para os inconvenientes, resultantes duma pratica mal compreendida.

E' evidente que as pessoas cultas podem resolver por si, individualmente, o que mais lhes convem, e sabem evitar os riscos.

Para os individuos de fraco desenvolvimento intelectual, o abandono ao seu exclusivo criterio, póde acarretar-lhes grandes males.

Duma maneira sucinta póde dizer-se que a vulgarisação só póde tornar-se util quando se fizer compreender o desporto em toda a sua pureza, o desporto amador.

Mas é fatal que a vulgarisação traz a popularidade e esta a tendencia para o profissionalismo, que é, de certo modo, a negação do desporto.

O problema é complexo e por isso mesmo necessita cuidados especiaes a sua solução.

Desenvolver o gosto pelo desporto na mocidade popular, é afasta-la da taberna e habitos correlativos, para lhes dar em contra-partida uma distração salutar.

Mas, simultaneamente, deve crear-se o espirito desportivo e montar o controle das condições fisicas de cada individuo.

Por espirito desportivo entende-se uma percepção clara dos desinteressados do desporto, com as suas luctas que o cavalheirismo caracterisa, onde o brio, a lealdade, a isenção, a disciplina, o respeito pelo vencido, são sentimentos naturaes.

Por outro lado o controle da saude é essencial, não permitindo nunca a ruina fisica pelos excessos.

Se em todos estes aspectos não fôr encarada a questão, e sem escrupulos ou com inconsciencia se vulgarisar o desporto, as consequencias são desastrosas.

A falta de assistencia medica, dada com oportunidade e inteligencia, a individuos, em geral mal alimentados, com duros afazeres profissionaes e ainda sem conhecimentos para se defenderem, pode tornar funesta a pratica dos exercicios fisicos susceptiveis de invalidar quem não tem condições fisicas capazes ou quem desgraçadamente a ela se entregue.

A falta de assistencia moral facilitará a confusão das rivalidades desportivas com as inimisades, o que dará um desenvolvimento de más qualidades naturaes.

Quando o desporto tome um grau de incremento de popularidade e os seus espectaculos se tornem do agrado publico; quando os campeonatos apaixonem, as responsabidades dos organismos dirigentes agravam-se.

A dificuldade de manter intactos os bons principios avoluma-se.

Se esses organismos dirigentes, federações, clubs, seguem a paixão publica e desvairam, o mal é irremediavel. Vem primeiramente a queda no regimen conhecido do falso amador e em seguida o profissionalismo. Ambas estas degenerescencias do desporto teem riscos sociaes serios, e em todo o mundo causam preocupações, aos seus orientadores que nele crêm, como poderoso agente de aperfeiçoamento da humanidade.

F. GUEDES

JOSÉ SALAZAR D'EÇA CARREIRA

Medico-cirurgião pela Escola Medica de Lisboa, Salazar Carreira pertence á celebre falange de 1913, que tão acentuadamente marcou no atletismo nacional.

Espirito culto e empreendedor, o atual Presidente do Sporting Club de Portugal tem dado o melhor do seu esforço ao desenvolvimento da causa dos sports atleticos em Portugal, modalidade onde sempre se notabilisou, possuindo ainda o record nacional dos 400 metros barreiras.

CORRIDAS E CORREDORES NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MEDIA

(Continuação dos n.os 5 e 7)

Na verdade, o inchaço e endurecimento deste orgão, contribuem muitissimo em sobrecarregar o corpo humano; se esta viscera não funciona regularmente, o sangue torna-se mais denso, não corre tão facilmente e os musculos são mal alimentados; do resto, o diafragma está mais comprimido, a respiração torna-se mais dificil e este estado prejudica imenso, a *forma* dos corredores.

Esta "orientação" sobre a ação do baço não era só apanagio dos atletas que se dedicavam a corridas: a opinião publica lançava sempre sobre o baço, a razão fundamental, da perda de souplesse de qualquer atleta.

Era logico portanto, que sempre que um atleta pretendsse concorrer a provas de corridas, a sua atenção fosse chamada muito particularmente para o estado do seu baço, cujas boas condições de funcionamento se procuravam manter com o maximo rigor.

Outros porem, cortavam o mal pela raiz, procurando desembaraçar-se deste orgão: chamavam então a medicina e a cirurgia em seu auxilio.

Nos medicamentos empregados então, havia certas hervas, a que se atribuia a propriedade de dissolver e reabsorverem o baço.

Plinio fala numa planta *equisetum*, cujo cosimento os corredores tomavam durante tres dias consecutivos, após um jejum de 24 horas.

Existiam egualmente outros remedios para dissolver os tumores do baço, que tinham grande consumo.

A cirurgia permitia outros sistemas mais eficazes, mas mais dolorosos;—a destruição pelo ou pelo fôgo.

Parece portanto que a amputação se podia realisar, sem perigar a vida do paciente.

Foi assim que o celebre fisico Fioravanti (inventor do balsamo que tem o seu nome), curou em 1549 em Palermo um joven grego que sofria dum tumor no baço, que pesava muitos kilos.

O sabia Bartholin referindo-se a esta cura notavel, observa que os turcos possuiam ha muito um metodo especial para arrancar o baço, mas cujo segredo nunca foi possivel desvendar.

O fogo era um metodo mais seguro. Desde Hipocrates, aplicava-se na região do baço, oito ou dez cogumelos secos a que se deitava fogo, obtendo-se assim outras tantas chagas. Cauterisava-se a mesma região em muitos logares, por meio dum cauterio com tres dentes ao rubro.

Tudo isto porém, não nos prova que os antigos tenham cauterisado o proprio baço, tanto mais que os documentos antigos nada nos dizem a este respeito.

Ha porém uma prova da probabilidade desta operação, num facto contado pela medico alemão G. Moebius que floresceu no seculo XVII.

Existiu na cidade de Halberstadt, um côrredor do conde de Tilly, que devia a sua extraordinaria agilidade, ao facto de não possuir o baço. Fôra o medico do conde que executara esta operação, tendo-o previamente adormecido com um narcotico.

(Continua) CORRÊA LEAL

O CAMPEONATO DE LISBOA

O XX PORTO—LISBOA

O II LISBOA—ARGARVE

O Casa-Pia e os Belenenses empatando pela terceira vez esta epoca, conseguiram o peor resultado para as suas aspirações, confirmando a posição do leader.

O Sporting tem assim nitidas probabilidades de conquistar o campeonato de Lisboa, caso não sofra algum precalco no curto caminho a percorrer.

O exemplo da sua segunda categoria, que no domingo passado sofreu a primeira derrota da epoca e precisamente dos setubalenses, proximos adversarios dos «leões», é uma caracteristica nitida do foot-ball e denota bem que neste ramo sportivo, os resultados nem sempre traduzem o valor dos grupos em confronto.

O Bemfica ganhou tambem algum alento, pois as hipoteses necessarias ao seu triunfo, vão-se realisando, nenhum grupo tendo ainda alcançado dez pontos.

O final do campeonato apresenta-se pois sob um aspecto do mais elevado interesse.

* * *

Como o campeonato lisboeta vae atrazadissimo, visto que o lado financeiro continua a predominar na confecção do calendario dos jogos, a Associação de Foot-ball de Lisboa faz deslocar no mesmo dia os seus grupos representantivos a disputarem encontros inter regionais, precisamente em lados opostos, Porto e Faro.

Ainda que a supremacia do foot-ball da capital se tenha afirmado esta epoca de maneira insofismavel, julgamos um pouco ousada a orientação do nosso organismo dirigente.

De resto, as seleções portuense e algarvia nunca tendo disputado «match» algum, julgamos dificil avaliar com criterio do valor relativo dos adversarios desta tarde.

Assim o Porto que foi esmagado pelo nosso onze por 6 a 1 e que acaba de fazer uma desgraçada exibição em Vigo perdendo por 7 a 3 contra o Celta, que esteve longe de actuar com criterio, parece-nos inferior ao onze algarvio que ha poucas semanas, vimos evolucionar em Palhavã.

No entanto, o grupo A da nossa Associação vae ao Porto e o B é que se desloca a Faro.

A missão deste é nitidamente mais dificil, e se as côres lisboetas triunfarem na capital do sul, a nossa Associação pode vangloriar-se de ter obtido uma boa perfomance.

A tarde de hoje será de grande espectativa, pois a incerteza dos resultados será a caracteristica principal dos encontros Lisboa-Porto e Lisboa-Algarve!

O grupo A, que joga no Porto, tem a seguinte formação:

Guarda-rêde:—Vieira (Bemfica.)
Defesas:—Ferreira (Sporting), J. Vieira (Sporting.)
Medios—Leandro (Sporting), Filipe (Sporting), Cesar (Belenenses.)
Avançados—Torres Pereira (Sporting), Jaime (Sporting), Alfredo de Sousa (Sporting), João Francisco (Sporting), Ramos (Sporting).

A seleção B que se desloca a Faro, foi assim constituida:

Guarda-rêde—Roquete (Casa Pia.)
Defesas—Pinho (Casa-Pia), Pimenta (Bemfica.)
Medios—Gonçalves (Imperio), A. Silva (Belenenses), A. Gralha (Casa-Pia.)
Avançados—J. M. Gralha (Casa-Pia), Pereira da Silva (Casa-Pia), Lopes (Casa-Pia), Domingos Gonçalves (Casa-Pia), Hugo Leitão (Bemfica.)

A formação do grupo A teve por base o onze do Sporting e a do grupo B o onze casapiano.

Se a primeira não admite discussão, a segunda é muito mais vulneravel e o trabalho dos nossos selecionadores não é isento de critica.

O espaço porém escaceia em absoluto e deixamos ao tempo, o cuidado de rebater ou não as nossas considerações.

A. CORREA LEAL

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e á actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

Para mim a mais bonita,
De todas a mais brejeira,
A mais rica em formosura
E' a Auzenda d'Oliveira.

HERMEN

Beleza d'arrebatar
Da perfeição a um passo
Só ha uma pr'a votar
A Amelia Rey Colaço.

EXIGENTE

Se o Pedro me deixasse
Falar mesmo sem mal
Diria coisas bonitas
A' sua Corte Real.

F. PRETO

Da que eu gosto mais de todas
Cá por causa *duma cousa*
Digo com toda a franqueza
E' da Aldina de Sousa.

LOUCO

Quem me déra déra déra
Estar a dar a dar a dar
A' Amelia Rey Colaço
Palminhas até fartar.

FOLGASÃO

Depois de beber café
e de meditar pelos cantos
digo que a mais bela é
a gentil Elisa Santos.

BERTICHA

Esta coisa de afirmar
Qual a artista portugueza
Que possue maior beleza,
Dá bastante que pensar.

Dei mil tratos ao miolo
E achei esta resposta:
E' decerto a Laura Costa.
O' velhinhos, não sou tolo...

L. F. BAPTISTA

MARIA VICTORIA

A peça de actualidade, tão querida do publico, Sonho Dourado com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

noites de primeira

NO NACIONAL

«Vivette» — suculento drama de lagrimas vertidas pelo sr. dr. Vasco Borges em 3 actos.

1.º Acto — E' de manhã. Ouve-se a campainha da carroça do lixo e o Clemente entra á procura de alguma coisa para fazer. Como não encontra, vae batendo fortemente com a porta para que o publico veja que desta vez são portas de madeira a fingir de papel.

Avança a Ilda que se entretem a espalhar rabanetes por cima dos moveis e logo em seguida surge o Clemente que finge de esculter. Começa a dar piparotes num pedaço de barro e afirma que aquilo é a Ilda por uma penna, nem que a D. Stichini se pareça com um policia!

Entra a D. Albertina que por sinal vem muito «pinoca» e traz umas pernas que, a serem sua propriedade, é caso para rasgadas reverencias. Fala-se para ali em muita coisa que não interessa a ninguem até que de repente aparece a D. Cremilda que fica muito doente porque a «claque» não deu a salva do estilo. Diz que o Clemente é um ingrato, mas que não pode viver sem ele e por isso, desafia-os a irem os dois para as «feeries» da Trindade.

O Clemente reponta, diz que na companhia d'ela sofreu muito por causa das constantes «tournées» ao Brazil e declara-lhe que prefere continuar societario, agora com mais garantia por causa da comandita do Lino.

A Cremilda vae fingindo que tem muita pena e entra a Ilda muito contente, dizendo ao Clemente que ainda bem porque assim podem eles vir a formar companhia.

2.º Acto — Um jardim muito lindo que o Rafael Marques inventou. Tem agua propria, linda vista de mar e «chauffage» central. A Ilda está zangada porque o Clemente anda pelos clubs mas o Rafael consola-a, dizendo-lhe que as barbas que traz ainda são um resto das do Viriato. Aparece o Clemente de sobretudo ao hombro e diz ao Rafael que afinal sempre vai com a Cremilda para a Trindade. O Rafael diz-lhe que faz asneira mas ele afirma que com a entrada do Chaby aquilo vae ser um sarilho e que está á espera de um telegrama do Loureiro para ir assinar o contracto.

O Rafael que é o director de scena conta tudo á D. Ilda que começa a chorar jurando que o Clemente tinha combinado com ela uma empreza de comedia para o proximo inverno.

O Rafael tambem chóra e vae mostrar o automovel á D. Albertina que neste acto traz umas pernas nada inferiores ás do primeiro.

Nisto a creada começa de desenrolar o telefone pela scena dentro. (Medida de economia do Rafael que, para evitar despezas mandou fazer uma tomada do telefone do Almeida). Entra a D. Cremilda que diz a D. Ilda que o Clemente é d'ela, que já combinaram a peça de estreia, que é que o fez, que foi ela que o ensinou a pôr o capachinho e a ir a horas para os ensaios e que o Loureiro conta absolutamente com ele para os «comperes das feeries». Para não desmanchar o conjuncto, a D. Cremilda chora tambem e começa um grande aguaceiro de lagrimas que nunca mais acaba. A Cremilda sae e entra o Clemente que chora porque a Ilda lhe diz que cahiu o Ministerio. O Clemente sae e a D. Ilda sae tambem sem parar de chorar.

3.º Acto — Gabinete reservado d'um hotel chinez em Marselha. (Esta scena é piada á D. Amelia Rey Colaço). Uma menina delgadinha escreve á machina e uma creada gross vem dizer qualquer coisa que não era precisa para nada.

Entra o Rafael e chora, entra a Albertina e idem, entra a Ilda e idem, idem. (A este acto não se pode assistir sem capa de borracha e galochas.) A Emilia Fernandes entra tôda, e diz que móra longe de proposito para mostrar um revolver. A Ilda rouba-lh-o e entra a Cremilda que diz que o Loureiro está muito contente com o Clemente Pinto e que ela e ele na Trindade vão fazer um figurão. Então a Ilda saca do revolver e afirma-lhe que, se ela tornar a entrar noutra peça no Nacional que lhe dá um tiro, mas nisto entra o Clemente e jura que não abandonaria a Sociedade Artistica. A Cremilda retira e para desprezo leva-lhe o «cache-coll» para fazer dele uma toalha. A Ilda chora e o Rafael diz-lhe que se ria porque a peça acaba ali mesmo.

Muitas palmas, as senhoras enxugam os olhos e o Clemente finge que não gosta que chamem por ele.

Aviso. — Não brincamos com o traductor sr. Vasco Borges porque S. Ex.ª é «peludo» e se calhar afináva...

ANDRÉ GODIM

N. da R.—Por absoluta falta de espaço não damos hoje a critica a rir da peça «A Massaroca» o que fazemos no proximo numero.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Até que emfim, do marasmo cinematografico em que pareciam ha umas semanas, mergulhados os exibidores, levantou cabeça o cinema Condes, exibindo a super-produção «Messalina» antecedida de grande fama. Realmente, poucas vezes serão tão justas a classificação e a fama dum film. «Messalina» é, na verdade, uma estupenda obra d'arte.

A sua realisação, entregue a Eurico Guazzoni, o primeiro enscenador latino, o autor do inesquecivel «Quo Vadis?» é perfeito sob todos os pontos de vista como perfeito é o trabalho de reconstrucção entregue por certo a professores de arqueologia. Da interpretação não ha que dizer senão que nos maravilhe. Rina di Lignoro, acredita a sua justa fama da mais linda das italianas e mostra-se uma actriz de grande talento, emprestando uma grande emoção ao seu papel de «Messalina». A beleza magestosa de Giovanne Terribili — Gonzaga e a linda escultura viva de Lucia Zamusi completam o quadro feminino e na parte masculina, Augusto Martiprieti mostra-se um grande actor, sendo o simpatico atleta Galeor um excelente elemento a valorisar a bela obra de arte.

O bairro de Luburre, o motim popular no Capitolio, A corrida de quadrigios e as bodas orgiasticas de Messalina são quadros inolvidaveis e que fazem d'esta produção uma das mais belas e talvez a mais grandiosa até hoje exibida.

VON C. K.

MEMORIAS DE EDUARDO BRAZÃO

A empreza da Revista de «Teatro» que prosegue numa bela e encorajadora obra dentro do teatro português, vai lançar no mercado um livro sensacional: as memorias do grande Brazão. Havemos de referirmo-nos ao facto com o desenvolvimento que ele merece. Por hoje felicitamos Mario Duarte e Pereira de Carvalho, por mais esta iniciativa louvavel.

Quer saber o «Ilustrado»
A quem deve dar a prenda?
Não hesite, dê á Auzenda
E deixe as outras de lado.

F. M. REPAS

EDEN

Semana dos 9 dias, a grande revista popular, com trez numeros novos de grande sucesso.

S. CARLOS

Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico toda a companhia.

NACIONAL

«Vivette» peça de emoção, dôr e sentimento, com Stichini, Cremilda, Albertina, Clemente e Rafael.

Conjuncto equilibrado e brilhante. Primorosa tradução de Vasco Borges.

S. LUIZ

«Benamor» celebre opereta pela companhia Armando de Vasconcelos.

Grandioso exito de arte e elegancia.

APOLO

A revista popular «Mola Real» com a alegre Elisa Santos, fantasia e bom humor.

AVENIDA

A encantadora opereta «Susi», pela companhia Satanela-Amarante. Explendido desempenho da admiravel actriz Luisa Satanela, musica lindissima.

POLITEAMA

O grande exito «Massaroca» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara.

Toda a companhia Rey-Colaço-Robles Monteiro.

TRINDADE

Grandes e deslumbrantes operetas, pela companhia Léa Candini. Desempenho magistral desta admiravel actriz, e de toda companhia

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno e movimentado.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

FOLHETINS DA VIDA

O suicida do café Royal

Na verdade, quem devia escrever esta reportagem não era eu — mas sim Horacio que heroificou as horas de emoção e as horas de angustia desta extranha aventura. Mas Horacio não pode fazel-o... Estendido na ottomana, frente á minha meza de trabalho, o pobre rapaz esconde-se na sombra projectada pelo «abat-jour» verde e sofre ainda as sacudidelas da realidade imprevista e cruel.

Gesticulando como um naufrago, lançando frazes incompletas tentou revelar-me o seu segredo — segredo que eu advinhei melhor do que comprehendi.

— Mas é preciso que tu escrevas a noticia — disse-lhe. O jornal está a fechar... E não é justo que tenhamos uma «falha» quando podemos dar uma «caixa» brilhante.

— Não! Seria demasiado doloroso escrever, sobre o papel, toda essa historia — protestou Horario, quasi que submergindo-se na fôfidão da ottomana. — Não podia rabiscar uma unica linha decente... Para escrever é preciso mentir. Para mentir é preciso calma... Eu não posso ter calma depois do que se passou... E escreve tu... Conta tu o que sabes... Mas deixa-me, por Deus Deixa-me! Não me fales em noticias...

Respeitei a perturbação de Horacio — e comecei logo a escrevinhar, nas pressas da ultima hora, a reportagem que depois havia de produzir no publico «frissons» de «gand-guignol.»

* * *

Horacio tinha sido encarregado pelo Diario d'um inquerito jornalistico a França — uma bisbilhotice qualquer nos bastidores das chancelarias, confirmação de boatos, descobertas de combinações misteriosas.

Reporter habil, com sensualidades marconicas que lhe permitiam surpreender, em pleno vôo, as grandes noticias ignoradas, desempenhou-se em poucos dias da sua missão.

Na vespera da partida para Portugal recebeu um telegrama do director que, para bem aproveitar a despeza da viagem lhe ordenava uma demora em Madrid farejando um pouco a politica hespanhola, com entrevistas e cronicas indiscretas.

Horacio partira do «Quai d'Orsay» apenas acompanhado, no seu «wagon» de 1.ª classe, por uma familia burguesissima, mamã, papá e uma mocinha olheirenta e pestanuda, esterlicada n'uma elegancia parisiense pouco adaptavel ao seu seio avultado e redondo. Durante o caminho até Bordeus, a familia palrou incessantemente, chorando o dinheiro gasto com a viagem, escandalisada com Paris que não era, na sua opinião, nem mais belo nem mais civilisado que o Porto — só com a diferença de ser maior, de ter uma vida mais agitada, mais lojas, mais luxo e mais teatro. A donzela recem-encadernada com as «toilettes» do Louvre, buscara com caprichoso interesse, o apoio de Horacio ás suas criticas — mas o reporter apenas monosilabou algumas palavras, absorvido por completo na leitura, d'um «vient-de-paraître» que comprara na biblioteca da estação.

Em Bordeus entrou uma nova passageira no compartimento: uma franceza d'olhos transparentes, genialmente maquilhada e tão extranha e irreal como uma fantasia de revista. Os burguezes do Porto, contemplaram-na com essa insistencia desdenhosa que tanto surprehende os extrangeiros e começaram a cochichar censuras grosseiras.

— E é o que lhes vale. — opinava a mocinha. — Qualquer rapariga do Porto é mais bonita sem necessidade de tintas.

Horacio subitamente atraído por aquela mulher, fechou o livro e começou a observa-la, a tentar chamar-lhe a atenção, na esperança de suavisar a monotonia da viagem, com um esboço de «flirt». Mas ela parecia não o notar. la inqueta, impacinte, distraida, ora mordendo o labio inferior até sujar os dentes com carmim, ora cerrando as palpebras enegrecidas com o «baton», como que para vencer a agitação dos seus pensamentos em desordem.

Proximo de Saint-Jean de Lux, Horacio tirou a cigarreira e numa cortesia bem portuguesa, quiz saber se a incomodava o fumo. A pergunta pareceu desperta-la e durante alguns instantes fitou-o, em silencio. Depois, sorrindo-se, respondeu:

— Pelo contrario... E' tabaco amarelo?

— Egipcio... «Kurmel»...

— Dê-me então uma cigarrilha...

Horacio estendeu-lhe os «boutsrouge». Ela retirou um e acendeu-o. A familia portuense, enervada já com a curiosidade que aquela francesa despertara ao seu compatriota que tão indiferente e calado se mostrara durante o trajecto, quiz exibir berrantemente a seu protesto e abandonou o compartimento.

Horacio ficou, portanto, sosinho com a sua companheira de viagem. A conversa nasceu rapidamente, facilmente. Falaram de teatros, discutiram Cürel, coincidiram no mesmo entusiasmo pelos modernos dramaturgos tcheco-slovacos.

Mas ela continuava agitada, longe d'ele com qualquer preocupação forte que a tornava irregular e que abria grandes covas de silencio no meio das frazes. Mesmo assim Horacio conseguiu saber que ela habitava habitualmente Marselha, que se chamava Eugenia — e que ia a Portugal para repousar os nervos.

— Os medicos aconselharam-me campo... disse ela com ingenua sinceridade. — Resolvi ir a Lisbôa...

Ao passar a fronteira trocaram os primeiros galanteios. Almoçaram juntos em Hendaya — e ao aproximarem-se de Madrid, ela comfesou, com certa magua, que a entristecia a ideia de perder, no meio da viagem, um companheiro que era a promessa d'uma grande amisade no futuro.

Tambem Horacio amaldiçoava, n'aquela hora, as ordens do jornal e o telegrama do director que o obrigavam a ficar em Madrid. Pela primeira vez numa vida acidentada se lhe deparara uma mulher que conseguia interessa-lo para mais alem d'um desejo sensual. Eugenia deixava antever-lhe uma felicidade que não agonisava ao nascer a primeira manhã de amor mas que, pelo contrario, havia de inventar novas e nobres e novas seduções em cada manhã que passasse...

Ao desembarcarem na capital espanhola e ao acompanhal-as á estação das Delicias de onde havia de partir para Portugal, Horacio reviravolteou o seu programa, declarando:

— Que vá para o diabo o jornal! Eu tambem parto para Lisboa!

— E' possivel?

— Sim...

Ao subirem para o comboio, tutiaram-se pela primeira vez e mais adiante quando as lampadas do wagon deserto onde iam, se amorteceram até lançar uma penumbra de alcova, os seus labios uniam-se n'um beijo que nenhum dos dois premeditara mas que aos dois pareceu um premio de Deus.

Em Lisbôa foi uma loucura, a lua de mel. Por enigmatica prudencia negou-se a dizer-lhe em que hotel se hospedava.

— E porquê esse capricho?

— Tenho as minhas razões... O amor, para ser duradouro necessita certas abstinencias voluntarias, certos encantos misteriosos. E não penses em seguir-me. Acabaria tudo entre nós.

Horacio deixou-se guiar pela sabedoria da amante. Encontravam-se de manhã, no Suisso, passavam o dia juntos; foram a Cintra; passaram duas noites no «Savoia» do Estoril; mas, de regresso a Lisbôa, voltaram a separar-se para só se juntarem ás horas das refeições e dos passeios.

Assim decorreu uma semana — a semana da mais emocionada ventura que o coração e os nervos de Horacio tinham conhecido. Durante esse tempo Horacio não poz os pés na redação, não encontrou um amigo, não abriu um jornal. Vivia dentro da bola de sabão d'um sonho — como se estivesse longe da patria, n'uma cidade longinqua onde não conhecesse ninguem, e cujo idioma ignorasse por completo.

No nono dia tinham combinado encontrar-se, como de costume, no terraço do «Suisso», ás dez da manhã. Esperou trez horas, beberricando «Amer-Picon», impaciente, assustado. Quando o relogio da estação marcou a uma, ele, para se tranquilisar, impoz-se o pensamento que Eugenia estaria no Tavares para almoçar. Galgou o Chiado e a Rua do Mundo — mas não encontrou Eugenia.

— Estará doente?

Esta hipotese afligia-o sobretudo por não saber onde se hospedava Eugenia. Esperou pela noite: Tambem não apareceu. E durante dois dias Horacio vagabundeou pelas ruas da cidade, palido ofegante, ansioso, á busca duma pista, d'um vestigio da passagem de Eugenia. Percorreu os hoteis; invadiu todos os «restaurants», cometeu imprudencias; cobriu-se de ridiculo. Mas ele não queria perde-la... Havia de a encontrar, custasse o que custasse.

* * *

Naquela tarde, entrou de surpreza na redação, esguedelhado, com os olhos muito abertos, atirando-se para cima da ottomana, e explicou-me gaguejando e gesticulando como um louco a sua extranha aventura. No fim, n'um grito de desalento, exclamou:

— Agora perdi todas todas as esperanças! Esfumou-se o sonho... Esgotou-se a morfina...

(Continua na pag. 7)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

AMOR!

SOUBE que a semana passada, numa carripana de aluguer, foi a enterrar no cemiterio de Bemfica um internado no hospicio do Telhal, cujo passado eu conheci de perto. Ha na modesta vida desse desgraçado, vida anonima, triste e fatal, uma verdadeira pagina de tragedia.

São nestas vidas, escondidas á margem do mundo visivel que estão os pungentes dramas que ninguem escreve, os conflitos barbaros que ninguem pressente.

Este Raul Silva, operario entalhador, trabalhou muito tempo numa oficina a Santa Clara, em pleno corpo da «feira da Ladra», na restauração de moveis antigos. Conheci-o desde muito novo, nesse vicio de bric-à-brac, restaurando com um gosto e uma paciencia antiga as peças delicadas dos embutidos Luis XVI.

Era um debil rapaz dos seus 20 anos, moreno e palido, uma ponta de barba aruivada aos laivos pela cara, e o cabelo de onda larga, hirsuto e abandonado.

Em toda a oficina não havia seguramente mais delicadas mãos para completar um velho ornato meio desfeito ou para, em quatro toques de goiva, modelar com arte e com intenção uma folha de acanto.

E, pelas tardes, quieta já a ferramenta no banco, o Raul pegava na guitarra e o seu fado, gemido com indizivel tristeza, fazia parar na calçada meio deserta uma ovarina que passava e atraia a soldadesca do Deposito de Fardamentos ali ao pé, que vinha ouvil-o em comovido silencio.

Alem deste dedilhar na guitarra, a paixão enorme, absorvente do Raul era o teatro. Conhecia os artistas todos, e mal se anunciava uma estreia, já ele dispunha, como para a primeira necessidade, os tostões para a geral, e lá estava, á porta do teatro ainda fechado, para arranjar a primeira fila e ver, e ouvir, e sentir bem toda a vida da scena. A luz da ribalta dava-lhe ao olhar um brilho novo, e os conflitos da peça sacudiam-lhe os sentidos. Era dos humildes que choram, suspensos da voz duma actriz e acompanham e sofrem todos as «nuances» do drama.

O seu temperamento, doentio, morbido, achacado duma nevrose permanente e não sei que de tristes hereditariedades, era no entanto o dum artista verdadeiro, completo e duma admiravel sensibilidade.

* * *

Dentre todas as figuras da scena, a grande paixão do pobre Raul Silva era uma actriz cujo nome não é preciso citar, mas que ocupa já hoje situação muito brilhante.

O prestigio e a iufluencia que essa rapariga, involuntariamente adquiriu sobre a triste e ignorada vida do pobre entalhador foi enorme. No seu pequeno quarto de Santo André, onde o fui ver doente, aparecia ela por todas as paredes, em dezenas de reproduções, que salpicavam o papel do quarto, em torno da cama e dos moveis, como os bandos de agitadas recordações que povoavam dolorosamente a cabeça do pobre doente.

* * *

Foi a festa da actriz — a primeira grande festa que ao talento juvenil e radioso da encantadora rapariga preparava a gente do teatro. Raul comprou a sua geral e cá de cima, os olhos rasos de agua, aplaudiu, debruçado e louco, até não poder mais. Ela veio á frente, teve o seu grande sorriso iluminado da mais pura graça, voltou uma, duas, tres, vezes e quasi reparou nessas palmas sonoras e quentes, que se ouviam mais, sempre do mesmo lado...

A sua festa... a sua festa... balbuciava o rapaz já, dias antes, como que interrogando-se da forma como poderia, com ternura e com devoção, dar-

lhe tambem um presente...

O acaso, este dramaturgo, este poeta, este novelista eterno, que origina entrechos e é fecundo e inverosimil como ninguem, contribuiu, impiedosamente, para romantisar a triste existencia desse artista doente.

Uma manhã de feira, ao glorioso sol das 10 horas da manhã, uma voz fresca, melodiosa e cantante como uma harpa eólia distante, preguntou á porta:

— Diz-me o preço desta moldura imperio?

Raul estremeceu e fixou essa silhueta negra, parada á porta contra a claridade da rua. Era ela... Lentos os braços tombaram-lhe sobre o corpo, e ficou parado, como deslumbrado por uma luz mortal. Foi o patrão que avançou e disse o preço.

— Ah! desculpe... é tão caro — e saiu.

Raul arrastou-se á porta. Era ela — lá ia, pela feira fóra, o seu saltitar de arveola, o seu sorriso...

* * *

A moldura era uma peça linda, de finos e leves embutidos de espinheiro sobre fundo de pau santo.

À noite, Raul disse ao mestre, ao receber a feria: Desconte-me aqui o preço dessa moldura que eu fiz — que fico com ela... E correu a casa. Dum velho numero da «Ilustração portugueza» onde vinha o retratodela, a toda a pagina, recortou-o pacientemente.

As mãos tremiam-lhe ao pegar nesse retrato que havia sido, nas noites da sua vigilia de adolescente, o seu companheiro dos primeiros sonhos. Colou-o, acertou-o com esmero e meteu-o na moldura. Com uma pena nova e todos os cuidados escreveu, febril e ofegante, numa carta, estas palavras:

Minha senhora.

Ha-de receber na noite de hoje muitos prezentes melhores e mais lindos do que o meu. Mas desculpe e não se ria de mim que não sabe quem eu sou e como gosto de a ver a si, que é tão diferente das outras. Vou ve-la muitas vezes cá de cima da geral e sou eu quem lhe dá mais palmas. Já tambem a vi ao pé de mim, e sei que gosta desta moldura porque a quiz comprar. Foi feita por mim e se soubesse que ainda ela era tão feliz que ia parar ás suas mãos tinha-a feito muito melhor, que eu sei.

Que seja muito feliz e que me desculpe é o que lhe pede, este que se assigna

R. S. (entalhador)

* * *

Ao regressar do teatro, a actiz, cançada e vencida pelas comoções da noite mal deu conta desse embrulhito sobre o toucador.

Mas de manhã, leu a carta atentamente. Recordava-se bem do seu passeio da ultima 3.ª feira, a Santa Clara; era a linda moldura imperio que ela apetecera.

Quem seria? Uma brincadeira dum amigo? Mas parecia tudo tão sincero.

Mulher e curiosa, saiu, passou pela praça da Figueira a comprar as suas flôres e meteu-se num carro da Graça. Santa Clara, sem a feira é uma praça morta.

Apeou-se, cruzou o arco e lá foi direitinha à oficina.

— Faz-me favor — já vendeu aquela moldura que aqui tinha outro dia?

— Já sim minha senhora...

— E quem a comprou, sabe?

— O patrão já se não lembrava. Ah! sim, ficou com ela o proprio oficial que a fez — saiu, não deve tardar, se a Sr.ª quizer esperar, talvez ele a queira vender...

— Não, não... E, no pequenino cerebro da actriz passou a sinceridade dessa anonima e intima paixão, tão ingenua, tão vehemente, e tão delicada. Um rubor ligeiro cobriu-lhe as faces. Tirou rapidamente a carteira e escreveu apenas um bilhete «Recebi, obrigada» e assignou.

Depois, pegou nas flôres que trazia e pô-las sobre o banco do oficio onde Raul trabalhava, e disse: Fica aqui este bilhete, e estas flôres, para...

— Como se chama o operario que aqui trabalha?

— Raul.

— Para o sr. Raul — Bôa tarde. E saiu.

. . . .

Mal o rapaz voltou, na oficina os outros fizeram-lhe uma azougada. Raul não sabia. O que é? O que é? E leu o bilhete... E tornou a ler... os olhos vitreos, a expressão tranfigurada, e caiu com uma convulsão sobre as flôres... Foi o seu primeiro ataque de loucura.

. . . .

Dias depois a companhia partia em «tournée» e o pobre Raul Silva começava tambem a dolorosa «tournée» do hospital, essa tragica «tournée» cuja ultima representação, definitiva, irrevogavel, de despedida, é na vala comum...

O Homem que passa

O suicida do café Royal

(Continuação e conclusão da pag. 6)

— Tentei acalmal-o:

— Mas que mais razões hoje que hontem para desesperares assim?

Horacio não me respondeu. Tirou do bolso um jornal da manhã e estendeu-m'o, indicando uma reportagem ilustrada com dois retratos.

— O que é isto?

— Lê!

Conhecia o caso. Era a historia d'um apache francez, um «fantomas» endiabrado que perseguido por uma serie de crimes viera refugiar-se em Portugal e que assaltando, em Cascaes a residencia d'um medico, o assassinara, levandolhe o peculio. A policia fora-lhe na peugada, cercara-o na Baixa—e o cavalheiro, ao ver-se perdido, fechara-se no «toilette» do «Royal» e suicidara-se.

—E o que pode ter de comum este apache com a tua aventura? Indaguei.

—Vê os retratos...

Era a fotografia do heroe e de uma mulher, sob a qual havia os seguintes dizeres: «Louise Marynac, amante e cumplice do apache a que a policia persegue para evitar que passe a fronteira».

Horacio ao ver que eu encolhia incredulamente os hombros, levantou-se e apoiando-se sobre a minha meza, segredou-me, n'um soluço:

— E' ela! E' Eugenia!

REYNALDO FERREIRA

AOS NOVOS

Aceitamos novelas originais ineditos do tipo das publicadas nos nossos numeros. Temos em nosso poder muitas que tem sido enviadas, ás quais ainda não podemos dar publicação mais pela enorme afluencia de original do que pela falta de merito que revelam, pois alguns dos seus auctores demonstram reais disposições para o genero.

"Maéra" galhardo padrão de filantropia — "Facultades" e o ressurgimento do classissismo

A passagem por Lisboa de Francisco Peralta «Facultades», provocou a legitima evocação do seu passado glorioso, que difine uma carreira toda ela nimbada de luz prometedora de maiores e mais alevantados feitos em prol de «la fiesta» que mais fundas raizes conta no espirito peninsular.

A festa nacional, que tem o cunho da verdade e da emoção, que é o simbolo da inergia e da elegancia, multas vezes posto em foco nos mais arriscados lances com o unico fim concorrer para qualquer obra meritoria, como seja auxiliár asilos, hospitais, pobres invalidos, etc.

Jamais será possivel varrer-se-nos da imaginação a figura indomita de Manuel Garcia «Maera», que luctando com feras, inumeras vezes expoz a sua vida em favor dos desgraçados.

Lisboa deve-lhe muito.

Os pobres da nossa capital nunca esquecerão o gesto altruista que o grande «diestro» utilisou para mostrar a bondade do seu coração e a grandeza d'alma dum toureiro.

Prometeu trabalhar em Lisboa, em quatro corridas e em anos diferentes em beneficio da pobreza da cidade. Infelizmente não poude dar cumprimento á promessa. a

"Maéra„ ao iniciar uma das suas arriscadas sortes

morte surpreendeu-o quando regressava duma corrida que em Melilla havia sido levada a efeito em favor dos soldados pobres que compunham a coluna que operava em Marrocos.

As lagrimas vertidas pelos batalhadores cuja sorte foi acariciada por «Maera» não são inferiores ás que ainda hoje se desprendem do rosto dos infelizes em auxilio dos quais o grande lidador correu a Lisboa em Agosto ultimo para contribuir com o preciosissimo obulo do seu trabalho e do da sua «quadrilla».

A medalha d'ouro que o Sr. Presidente da Republica lhe colocou ao peito e que na camara mortuaria reluzia na jaleca do chorado espada, traduz bem o premio da generosidade, o galardão da apurada compleição artistica e justo significado da nobre gratidão portuguesa.

«Maera» como «Gallito», são dois monumentos d'Arte que perduram no mundo aficionado como estrelas fulgentes que indicam um caminho, a rota florida que deve ser seguida por aqueles que abraçando a profissão do teureio, tomarem implicitamente o encargo de manter uma "Arte" na altura dos creditos que merece, empregando

"Facultades„ num soberbo passe de "rodilhas„

os maiores esforços para que a mesma progrida de molde a evitar a sua decadencia.

«Facultades» o nosso hospede de agora, é já um astro cuja grandeza revela qualquer coisa de significativo na «aficion» á festa taurina «policroma y cascabelera», vem demonstrando a traços de arrojo e beleza, a bem vincada personalidade exigida na fileira d'aqueles a quem cumpre a execução dum plano de ressurgimento.

Apesar de já ter trabalhado em Lisboa ha anos, como «niño», vimos «Facultades» pela primeira vez no Campo Pequeno em 1919 na festa de Alfredo dos Santos; e logo no lancear do seu capote e no recorte da sua planta, visionamos-lhe superiores qualidades toureiras.

«Facultades» e Alfredo começaram da mesma maneira. Estava certo que se encontrassem no mesmo espectaculo. Ambos foram «capitalistas»; um em Sevilha, numa corrida de «feria» e outro em Algés numa vacada a preços populares. «Facultades» ao saltar á praça, levava a «muleta» sob a blusa plebea; o segundo em semelhante acto, despira o casaco salpicado de cal e com ele passou varias vezes o cornupto em praça. Estava feita a iniciação de dois praticantes, que hoje são artistas de merito.

Francisco Peralta, seguiu a carreira com tal sucesso, que já tem presentemente no seu activo um razoavel volume de triunfos obtidos com muita justiça, não só na peninsula como em França e Americas centrais donde regressou ha um ano.

Em Setembro de 1924 na praça de Madrid foi-lhe confirmada a alternativa, sendo apadrinhado por Valencia II.

O que foi essa tarde!

Tarde solene, plena demoção, que fez reviver radiosas esperanças de uma proxima ressurreição do classissismo no toureio.

O critico P. Lapiz, judiciosamente declarou que: «durante la lidia del quinto tóro pasó por la plaza una ráfaga perfumada de majeza» . . .

Revigorada com «Facultades» a frente em que hoje figuram «Sancez Mejias», «Chicuelo», «Juan Belmonte», «Nacionais», «Antonio Marquez», «Saleri II» e outros aliados aos nossos melhores cavaleiros e peões, jamais nos podemos convencer do enfranquecimento das corridas de touros onde ha tanta expressão de arrojo, de vigor, colorido dominio nobreza e floração.

Tenhamos fé e releguemos para bem longe os pezadelos e os maus pensamentos.

* * *

No passado domingo correram-se novilhos de Morube, um dos quaes colheu «Niño de lá Parma.» «Nacional III» que o substituiu esteve feliz. No Mexico, Luiz Freg e A. Marquez proseguem a colhida de... triunfos.

No domingo 22 teem em Lisboa Sanches Mejios e Antonio Luiz Lopes com touros de Coimbra. Consta que o Mejias tambem lidará a cavalo.

PÉPE LUIZ

O Charadista

Secção a cargo de José Pedro do Carmo (*Zépêdro*).

QUADRO DE HONRA

Jomena — Carlos Alves — Pam—Aviel — O Mister Misterio — Rei Féra—Néné—Carmo & Zé—Aros —A. Moutinho J.or — Joli — Fontelisio—Arnaldo Pereira.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 5.

Relação das decifrações do ultimo numero:

Enigma: Beatris.
Charada em verso: Morcego.
Charada em frase: Rodopio.

LOGOGRIFO

Ao penetrar na caverna—5—6—7—8—9.
Pouco banhada de sol—1—2—3—4—9.
Encontrei a linda flôr,
Conhecido girasol.

PORTO — A. Ferreira

CHARADAS EM FRASE

Apre! De modo nenhum! E deu-me um empurrão! . . .—2—1.

GIL VAZ

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção dev ser endereçada ao seu director, e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Folhetim do Domingo «Ilustrado» — N.º 1

Por LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

SUA Magestade, nesse dia, acordou tarde. Espreguiçou-se, sonolento; tocou a campainha electrica. Passaram-se instantes. Um reposteiro correu. Um creado assomou, irrepreensivel, de casaca:

— Vossa Magestade chamou?

— Chamei. Que horas são?

— Tenho a honra de dizer a Vossa Magestade que são trez menos um quarto.

— Não te recomendei que me chamasses ás duas?

— Mas a essa hora Vossa Magestade estava a dormir e eu não tive coragem para o acordar.

— E' assim que vocês todos me vencem: pelo sentimentalismo — e pelo sono. O que ha de novo pelo Paço?

— Tenho a honra de informar que uma comissão aguarda, desde as dez horas, que Vossa Magestade a receba.

— Uma comissão de quê?

— De homens.

— Não recebo senão comissões de mulheres.

— Mas é uma comissão de homens que vem, ao que ouvi, tratar dum assunto de mulheres.

— Não importa, não recebo. Que procurem um dos meus secretarios de Estado. Como se trata de mulheres que procurem o secretario de Estado — da guerra.

— Vossa Masgestade deseja que lhe sirva aqui o cacau?

— Claro.

O reposteiro oscilou. O creado saiu. Sua Magestade acendeu a luz electrica, sentou-se na cama, murmurou de si para si: «Que diabo quererá a estas horas uma comissão de homens para tratar duma questão de mulheres!». Tocou, de novo, a campainha. Quando o creado voltou Sua Magestade inquiriu:

— A tal comissão ainda lá está?

— Tenho a honra de comunicar a Vossa Magestade que ainda está.

— Pois que espere, porque a recebo. Na sala de fumo.

*

Era a primeira vez que Sua Magestade — e era rei ha cinco anos — se dignava receber uma comissão de homens. Mas a verdade tambem é que era a primeira vez no seu reinado que uma comissão de homens o procurava para tratar duma questão de mulheres. Ele bem sabia que contrariava o protócolo — mas que importava? Que importava o protócolo a um rei Maganão. Como o principe de Monaco, ele poderia dizer, desprendido de orgulho: «Le protocolle . . . A' quoi bon, çá?»

Sua Magestade era, de resto, um excelente rapaz, afavel, acolhedor, amabilissimo. Tinha um forte: o champagne. Tinha um fraco: as mulheres. Logo que a vida lhe corresse entre uma taça de champagne e uma mulher bonita — Sua Magestade julgava-se largamente compensado de aturar os ministros, os diplomatas, os altos funcionarios, numa palavra, toda a revoada de besoiros de casaca preta que, desde que ha reis, costuma adejar, em volta das figuras reaes.

Não vou contar-lhes minuciosamente — para quê? — como o rei Maganão subiu ao throno. Herdou legitimamente de seu pae — que Nosso Senhor tenha em descanço — a sua desenvolta realesa, o que tem acontecido á maioria dos reis. Mas com a realeza herdou tambem uma coleção maravilhosa de pijamas e de pantufas bordadas, coisa que, segundo creio, nunca sucedeu a rei algum. Ha cinco anos que Sua Magestade reinava. Nunca, como nesses cinco anos, o paiz atravessára uma crise tão grave: Mas nunca, como nesses cinco anos, o povo dançara tanto. Não havia dinheiro: mas bailava-se. Não havia pão: mas havia alegria. Sua Magestade, mal subiu ao throno, colocára bem o problema perante o conselho de Estado. A nação estava arruinada? O orçamento era um alforge de franciscano? O povo tinha fome? O paiz ameaçava revoltar-se? Pois bem. Na impossibilidade de salvar a nação pelo trabalho era necessaria acalmá-la pela alegria. O povo não tinha que comer? Era necessario divertir o povo para que o povo esquecesse as suas dores, as suas desgraças, a sua miseria e tivesse a radiosa ilusão de que era feliz. Os projectos do Rei Maganão foram convertidos em leis. O dinheiro do Estado foi destinado, desde logo, á abertura de clubs, de teatros, de «dancings» monumentaes, de restaurants sumtuosos. Orquestras de tziganos tocavam permanentemente nas ruas o fox-trot, o jazz-band, o tango argentino. Festejavam-se centenarios todos os dias. Todo o ano andavam mascarados pela rua, tocando, dançando, atirando serpentinas, polvilhando pepelinhos. Era um verdadeiro ceu aberto. Sua Magestade, como um austéro cumpridor da lei, — bom rei constitucional — dava exemplo ao seu povo. «Le roi s'amuse». Mas não era só o rei; era o ministerio; eram as Camaras; eram as Academias; eram as sociedades de agricultura; eram as associações comerciaes; numa palavra, era o paiz inteiro desde o sacristão da minha freguezia até ao ilustre presidente do Senado que cumpria escrupulosamente os preceitos legaes, divertindo-se á doida, como se cada dia do ano fosse «tout-court» um movimentado dia de Entrudo.

E a povo parecia feliz. E Sua Magestade bebia champagne e amava todas as mulheres bonitas . . .

*

Quando Sua Magestade entrou na sala de fumo, de monoculo e de flôr ao peito, a comissão que aguardava — trez velhos de setenta anos calvos, gotosos, vestidos de preto — levantou-se do «maple», como por encanto, e veio respeitosamente beijar a mão ao seu rei. Sua Magestade olhou-os; bateu-lhes familiarmente no hombro:

— Então que têmos, rapases?

A comissão falou, cheia de ponderação e de bom senso. Tratava-se realmente duma questão grave, suficientemente grave para que eles tivessem tido a ousadia de vir ao paço, massar Sua Magestade. Representavam ali os velhos da nação. E porquê? Porquê? Porque a velhice tinha sido ultrajada . . .

Sua Magestade, indignado, acendeu um cigarro, perguntou, nervoso:

— Por quem? Quero mandar castigar os culpados!...

— Pelas mulheres.

Sua Magestade sorriu, compoz o monoculo, pediu pormenores.

Sim, pelas mulheres! Pois não tinham elas resolvido negar os seus abraços e os seus beijos aos velhos de setenta anos para cima! Sua Magestade ignorava-o? Pois era precisamente assim. E como haviam eles de viver agora — Sem mulheres? Não, não podia ser. Sua Magestade era rei e era homem. Que pensasse como homem e legislasse como rei.

— Ide tranquilos. Falarei com o secretario de Estado das mulheres — e do Turismo.

A comissão agradeceu e saiu, de joelhos. Sua Magestade estirou-se num maple, crusou a perna; de repente levantou-se, foi ao telefone, ligou para o Secretario de Estado da Guerra; ordenou

— Mobilise imediatamente todas as velhas de setenta anos para baixo . . .

(Continua)

Carta de Paris

Os chapeus novos

Dinicio do ano decorre sempre com estrema rapidez. Ha poucas semanas diziamos ainda: «Quando voltarem os dias bonitos!» como se se tratasse duma coisa certa, mas bastante longiqua. E afinal não tarda aí a primavera, a natureza inteira vai mais uma vez adornar-se maravilhosamente.

Porque não ha-de suceder o mesmo comnosco? A «coquetterie» não é a mais linda recepção que a mulher pode fazer a estação bela por excelencia e o mais gentil acolhimento que ela pode fazer ás suas nascentes promessas?

Bem sabemos que nem sempre as andorinhas representam a chegada da primavera. Mas não acham que uma linda «toilette» clara é o arauto amavel da nova estação?

O chapeu é, no conjunto duma «toilette», o primeiro a adoptar um aspecto mais alegre, porque tão fraco quanto possa ser o sol de março, estraga as peles e os vestuarios de hontem. Nos mezes de inverno têm os chapeus menos importancia do que agora, pois acompanhavam apenas vestidos escuros. Agora, porém, surgem nos modelos parisienses de chapeus ideias muito interessantes, ineditas, creações que são verdadeiras maravilhas de engenho e de harmonia.

Um chapeu tem um caracter proprio, vae bem a este tipo de mulher e não áquele. E é por tal motivo que nem todas as mulheres escolhem bem um chapeu para o seu tipo, pois para isso é necessario ter um gosto muito seguro.

As multiplas variações sobre o tema conhecido da «cloche» parecem, desta vez, desaparecer seriamente. E ainda bem! porque, emfim, apesar de ser uma forma que fica geralmente n nos mal, é tempo de exigir mais fantasia, mais variação.

A moda actual dos chapeus muito pequenos, vale-nos a realisação das ideias mais excessivas, mais originaes. Com a moda regular da ultima estação, quem quer podia estabelecer uma gentil «cloche». Hoje, é preciso ter muito gosto para achar a forma de realisar certos modelos simples, mas que não podem suportar a banalidade.

Usar-se-hão ainda muitos feltros; mas esta estação primaveril ve-los-ha iluminados, alegrados com flôres e fitas, bem como muitas outras formas novas. Ha algumas estações para cá que o sucesso da fita, na moda especialmente, cresce mais cada dia. E' um dos detalhes, na «toilette» feminina, cujo o tema é inesgotavel. Sobre os chapeus a fita é indispensavel, pois que não ha fórma de verão ou de inverno que não conte com fitas. Gnarnição muito femenina e elegante, da qual se obtém os mais variados efeitos e até os mais ineditos.

De facto, pelo relance de olhos que acabamos de dar aos modelos novos, as mulheres não terão que queixar-se duma moda tão graciosa e cujas fantasias, de resto, são por via de regra acessiveis a todos os orçamentos.

Moda e higiene

Para seguirem a moda, dobrarem-se ás suas exigencias, muitas senhoras elegantes não hesitavam por vezes em sacrificar a saude. «Estupida e anti-higienica», dizia da moda noutro tempo certo sabio, cuja frase severa não deixava de ter certo cabimento.

Pois bem, não pode dizer-se agora o mesmo, visto que a moda actual é considerada higienica. O medico chefe do Ministerio da Higiene, da Inglaterra, acaba efectivamente de declarar num relatorio que a saude publica melhorara muito nestes ultimos tempos.

Falando especialmente da saude das mulheres, diz: «Vestuarios mais razoaveis, o desaparecimento dos vestidos apertados e das saias de cauda, muitos mais exercicios, divertimentos mais activos, o sport e a vida ao ar livre têm produzido uma grande melhora na saude das mulheres e das raparigas. Esta melhora quasi que acabou côm uma forma de anemia, a clorose, que dantes era muito frequente.»

Viva, pois, a moda actual, pois que graças a ela as mulheres têm mais saude!

Não ha mais pés perfeitos!

Compreende-se perfeitamente que o uso do calçado ponteagudo e de tacões altos não permite ás mulheres do nosso tempo terem pés tão belos como os que apresentavam as gregas e as romanas, que usavam sandalias. Ficar-se-ha, no emtanto, surpreendido de saber que apenas uma mulher sobre trinta possue pés que se aproximem da perfeição.

E' esta pelo menos a conclusão a que chegou um laborioso artista de Bellinzona, depois de muitos estudos e comparações feitos sobre a pintura, a escultura, a fotografia e inumeras observações pessoaes.

Na opinião desse cultor da beleza dos pés, os italianos e os francezes são ainda as mulheres que possuem os mais belos pés. As inglezas e as americanas têm-nos demasiado compridos; as suecas. as russas, as honlandezas, as alemãs têm-os demasiado largos.

Mas o homensinho não viu, certamente, os das portuguezas. Portanto, o seu estudo é incompleto.

Os pêlos desagradaveis

E' muito mais vulgar do que se julga esse defeito desagravel e incomodo dos pêlos indesejaveis no rosto; no pescoço, nas pernas e outros pontos do corpo da mulher. Ha quem diga que isso é um sinal de degenerescencia proveniente de avariose nos paes ou avós. Ha quem diga muitas outras coisas. Mas sejam eles provenientes disto ou daquilo, o que é certo é que são muito incomodos. E' natural, pois, que as vitimas dessa sensaboria desejem vêr-se livres disso. Para isso se inventaram os depilatorios.

Não ha duvida de que a electrilise os tira; mas esse processo é tão incomodo e dispendioso e deixa por vezes taes cicatrizes, que é preferivel aconselhar o uso dos depilatorios, que são dum uso simples.»

Esse tratamento é muito seguido e ha imensos anos pelas turcas, as quaes se vêm obrigadas a tirar todos os pêlos do corpo por causa de certas preocupações de caracter religioso dos turcos. Entre nós, são tambem os depilatorios muito usados, pois tanto as hespanholas como as portuguezas são muito achacados a isso.

Usando-se um bom depilatorio, é facil e simples a operação de tirar os pêlos. Faz-se uma especie de papa muito ligeira com o pó e agua e aplica-se alguns minutos. Toda a questão está em a pessoa se habituar a regular a quantidade de pó que consiga tirar-lhe os pêlos sem lhe irritar a pele. Com um pouco de atenção, consegue-se isso facilmente. Mas é condição indispensavel que o depilatorio seja de confiança, pois ha alguns em que entram materias arsenicaes, que são muito perigosas. Os melhores que se fabricam entre nós, eguaes aos mais perfeitos que se vendem em Paris: são o *Depilatorio Venus*, para o rosto e corpo, e o *Depilatorio Marya* só para o corpo. São completos, dão sempre resultado e não estragam a pele. Quando bem aplicados, basta que de 15 em 15 dias sejam empregados para que se obtenha uma depilação correcta.

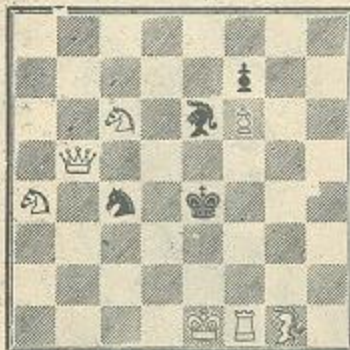
CELIMÉNE

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 7

Por J. W. Abbott

Pretas (4)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do Problema n.º 6

T. I. B. R.

Do Porto o Sr. M. Mota Ribeiro pregunta-me porque razão não apresento problemas portuguezes. Porque ha muito poucos e já foram publicados nos jornais extinctos Diario de Portugal, Diario Ilustrado, Tiro e Sport e Sports e no Tratado de xadrês do Dr. Alfredo Anser.

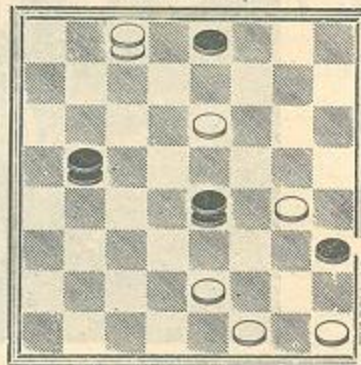
Jogo das Damas

Solução do problema n.º 6

1	12—16	20—11
2	4—8	11—4 (D)
3	2—7	4—18—25
4	7—14—21—30 (D)	31—27
5	30—21	27—23
6	21—14	23—19
7	14—18	

Ganha.

PROBLEMA N.º 7

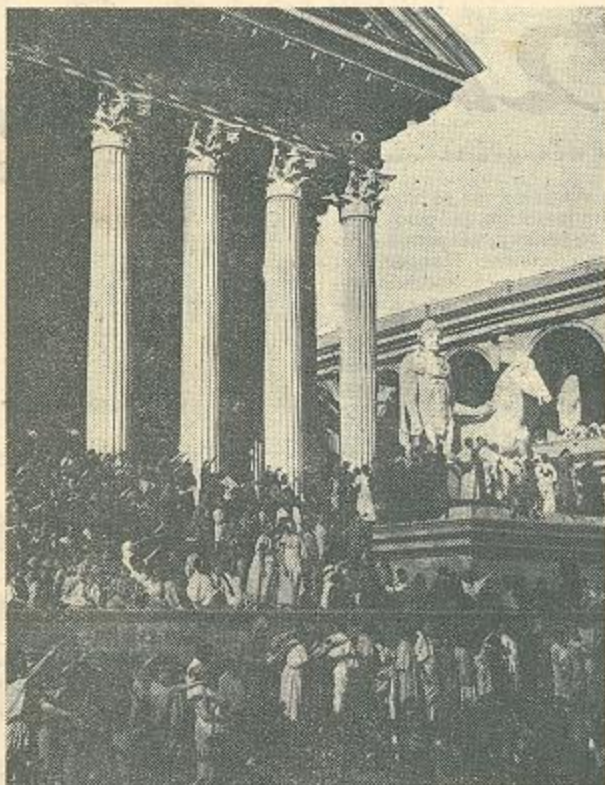
Pretas 2 D e 2 p.

Brancas 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Actualidades gráficas

O momento Cinematografico

MESSALINA

No «Condes» exibe-se a famosa pelicula que a nossa gravura representa num dos seus assombrosos momentos. Não são precisos comentarios para o publico compreender a grandeza da formidavel obra cinematografica.

NO COLEGIO MILITAR

Aspecto da cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento comemorativo dos alunos ilustres, na brilhante festa neste instituto do estado.

ULTIMOS ECOS DO CARNAVAL

As encantadoras creanças Maria do Carmo e Antonio Julio Rodrigues dos Santos, filhos do ilustre clinico Sr. Dr. Carmo Santos e que se apresentaram rigorosamente vestidos com costumes da ilha — região a que pertence toda a familia de seus pais.

ACTUALIDADES NO TEATRO

A NOSSA GRAVURA REPRESENTA UMA DAS ACTRIZES QUE ULTIMAMENTE MAIS PUBLICO TEM CONQUISTADO, LAURA COSTA, A GENTILISSIMA E NOTAVEL ARTISTA, QUE É UMA GLORIA DA SCENA LIGEIRA E ACTUA COM O MAIOR EXITO NO MARIA VICTORIA, NA «REPRISE» DO SONHO DOURADO.

PUBLICIDADE

ANUNCIOS UTEIS

A publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc.

Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.

O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultorios, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.

Guarda Roupa CRUZ

EXPLENDIDO STOCK TODO RENOVADO

DE FATOS DE CARNAVAL

RUA DO MUNDO — LISBOA

Sifiliticos:

TOMEM EM GOTAS

ARSHYDROL

DE

LEMOS & FILHOS, L.DA

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Tapeçarias de Traz-os-Montes *(URROS) L.DA*

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

ULTIMA NOVIDADE

DOCES INSTANTANEOS

FARINHAS BELGAS

"DELISS"

FARINHAS «DELISS» PARA PUDINGS E BOLOS INSTANTANEOS. FARINHAS COM O SABOR E PERFUME DE TODAS AS FRUCTAS.

Dôce econo-mico

CRÉMES DE CHOCOLATE. CRÉMES PARA SORVETES. ASSUCAR BAUNILHADO. FARINHAS «DELISS» «UNIVERSELL» PARA MOLHOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO NAS MONTRAS DOS DEPOSITARIOS

Jeronimo Martins & Filho

Representante: BATALHA REIS, Ltd.

PAPELARIA Paleta d'Ouro

RUA AUREA, 72 — LISBOA

COLOSSAL SORTIDO DAS ULTIMAS NOVIDADES DE PINTURA, DESENHO E ARTE APLICADA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Pastelaria Quinta

DE

J. N. QUINTA, Ltd.

Chá e café.

Fabrica de conserva de fructa. Fabrico especial de todos os artigos de pastelaria e confeitaria.

Confecção esmerada de lunchs.

Telefone 1267 Norte

39 — RUA PASCOAL DE MELO — 53

LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º — LISBOA

TELEF. N. 908

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A tragica odisseia dos mutilados

Inutilmente, os heroicos mutilados da guerra, sobem as escadas do Parlamento, implorando como uma esmola aquilo que lhes é devido como um legitimo tributo. E' uma ingratidão que a Patria não sanciona e cuja responsabilidade os homens do governo não devem assumir.